

**PORCELANA DE YONGLE**  
**REFLEXO DE UM REINADO**

Maria Cavaquinho 156337

China Imperial: Qing e Ming

Docente: Elisabetta Colla

Estudos Asiáticos

Faculdade de Letras

Universidade de Lisboa

Dezembro, 2020



Total de palavras: 3003

## INTRODUÇÃO

Zhu Di (1360-1424), mais conhecido pelo nome do seu reinado (1402-1424), Yongle, foi o terceiro imperador da dinastia Ming (1368 a 1644). É uma figura de eleição na história chinesa, graças à riquíssima soma de acontecimentos, muitos deles controversos, durante e até após o seu reinado. Certamente, esta importância não é desmerecida, alcançando feitos que ainda hoje são visíveis e sentidos na China. Todos estes eram realizados numa escala superior, ou seja, é visível uma inclinação para realizar projetos ambiciosamente grandes, como uma particularidade de Yongle, um estilo próprio.<sup>1</sup>

Deste modo, não seria então de estranhar, que teria ele também induzido uma das forças de trabalho artísticas mais bem-sucedidas e de mais alto valor artístico na história da China.<sup>2</sup> Nesta inclusive, encontra-se as porcelanas de Yongle, consideráveis em termos de qualidade e quantidade. “*Pure and lustrous, indeed pleasing to the heart*”<sup>3</sup> era como o próprio elogiava as suas porcelanas que tanto apreciava.

Mas porquê falar sobre porcelana num contexto histórico? A cerâmica, além da sua função artística, contém um papel importante na história, sendo regularmente a chave para compreender civilizações e culturas no passado e compreender o seu comportamento e tecnologia. Ou seja, porcelanas são o símbolo de civilização humana.<sup>4</sup>

Deste modo, o ensaio dividir-se-á em três fases associadas a um respetivo tipo de porcelana, tomando como inspiração a publicação que acompanhava a exposição de porcelanas Yongle encontradas no *National Palace Museum, em 2017*.

Assim, o objetivo do presente trabalho é, para além de explorar a história e características da porcelana Yongle, principalmente, compreendê-la como fruto do seu contexto histórico. Ou seja, observar a história da China através das porcelanas, demonstrando estas como um reflexo do reinado de Yongle.

---

<sup>1</sup> (Watt e Leidy 2005, 9)

<sup>2</sup> Ibid, 10.

<sup>3</sup> (National Palace Museum 2017)

<sup>4</sup> (Valenstein 1975, 21-27)

# YONGLE E A CERÂMICA BRANCA

## TIANBAI E LEGITIMIZAÇÃO

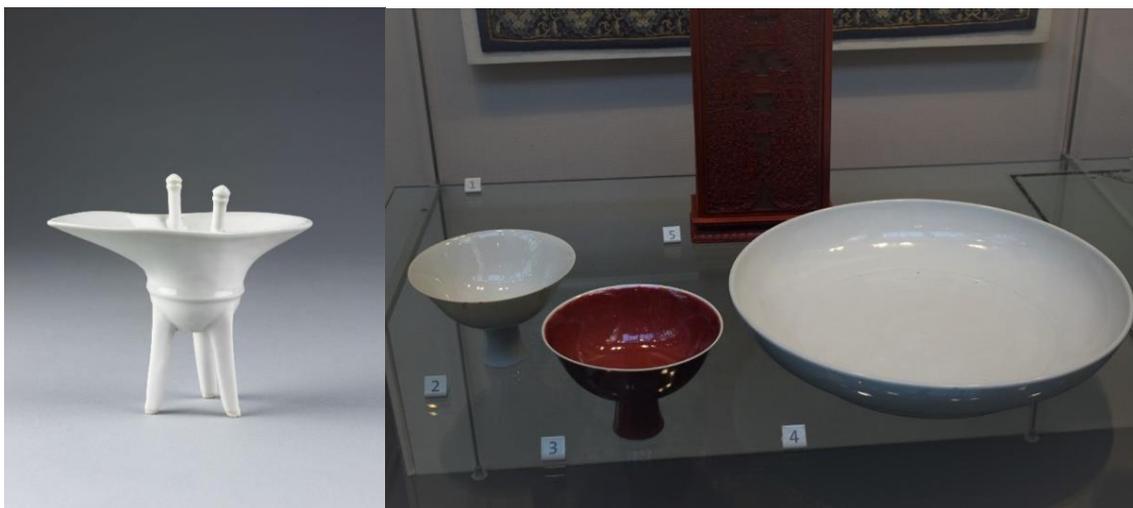


Figura 1 – Taça Jue. (1403-1424, produzido em Jingdezhen) Fonte: <https://collections.vam.ac.uk/item/O116711/cup-unknown/>

Figura 2 – número 2 – taça de haste com uma decoração anhua, e um esmalte monocromático tianbai Sweet white; 3 – taça de haste com um raro esmalte vermelho; Recetáculo 4 - Prato com decoração anhua. (1403-1424, produzidos em Jingdezhen). Fonte: Fotografia de Maria Cavaquinho.

Com as figuras 1 e 2, podemos de imediato observar a sua cor, um esmalte branco perfeito *tianbai* 甜白. Também conhecido por *sweet-white*, estas são únicas ao período de Yongle, de tal qualidade que nunca havia sido conseguida antes do seu tempo e também não foi possível ser recreada posteriormente.<sup>5</sup>

A demais a sua estética, o branco era considerado uma cor de luto na China, e por extenso, recipientes brancos frequentemente relacionavam-se com rituais de luto e budismo.<sup>6</sup> Ou seja, estas porcelanas, (figura 1 e 2), seriam intencionadas para cerimónias budistas, particularmente para o luto a Hongwu, pai de Yongle, ou em nome do povo. Estas cerimónias budistas eram comparecidas pessoalmente pelo soberano, que entre vários serviços de luto, serve de exemplo, o oferecer de incenso.<sup>7</sup>

Watt e Leidy (2005) denotam que a certo ponto, quase todos os objetos de carácter decorativo produzidos durante o reinado de Yongle podem ser associados ao patrocínio imperial, mas mais especificamente, aqueles para uso religioso e filosófico.

<sup>5</sup> (The British Museum Collection s.d.)

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> (Harrison-Hall 2018, 174, The V&A's collections 2005)

Há um esforço de propagação do budismo e confucionismo, a partir da arte imperial e seguidas dos respetivos processos de ritual que o seu pai havia já estabelecido, para ver cumprir a sua agenda como Rei-sábio.<sup>8</sup> Aliás, foi Hongwu (1368-98), que quebrou a tradição para este tipo de rituais de corte, decretando que cerâmicas deveriam ser usadas ao invés dos recipientes de bronze.<sup>9</sup>

Ao promover este culto de piedade filial e ao incorporar a religião como ideologia, estas porcelanas então acompanhavam a agenda mais abrangente de Yongle, que juntamente decretou que o guia do seu pai para “Piedade Filial e carinho” *Xiaocilu* (1375), fosse minuciosamente observado e simulado em assuntos de funerais reais e práticas de luto, sendo igualmente específico com as peças de porcelana produzidas para os mesmos. Tendo de fazer sacrifícios de estado regularmente ao céu como forma de legitimar a sua autoridade no trono, ele prestava atenção tanto ao ritual como aos objetos usados.<sup>10</sup>

É difícil averiguar se Yongle era verdadeiramente um homem espiritual, mas certamente na mente deste, a religião era concebida em alicerces mais éticos e práticos do que teocêntricos. O imperador Zhu Di tinha a missão de realinhar o seu governo enquanto proclamava a sua fidelidade às intenções do fundador Ming.<sup>11</sup> Isto porque, tendo usurpado o trono do seu sobrinho, contra a vontade descrita nas injunções ancestrais do seu pai, e após os quatro anos de turbulência política e consequentes purgas, não ficou particularmente bem visto pelo povo ou os oficiais letrados.<sup>12</sup>

Assim, todos os seus principais esforços eram dedicados a conceber formas de fortalecer o seu direito ao trono, e, por conseguinte, realinhar o seu governo, centralizando cada vez mais o poder nas suas mãos,<sup>13</sup> o que muitos argumentam ser simbólico do seu governo como uma culminância de absolutismo na dinastia Ming e até de toda a história Imperial.<sup>14</sup>

### ***PAGODE DE PORCELANA***

Podemos talvez considerar o apogeu deste vínculo religioso a arte cerâmica a Torre de Porcelana, que se encontra no templo de Bao'an em Nanjing. Encomendado por Yongle, era um memorial aos seus falecidos pais, repetindo os padrões de produções

---

<sup>8</sup> (Tsai 2015, 129)

<sup>9</sup> (Harrison-Hall 2018, 174)

<sup>10</sup> (Tsai 2015, 130)

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> (Mote 1999, 598)

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> (The British Museum Collection s.d.)

observadas anteriormente. Este pagode em tijolo de porcelana, tal como o Buda em bronze dourado no seu interior, são mais uma prova da continuação das práticas e arte budistas yuan e de Hongwu no reinado de Yongle.<sup>15</sup>

Era conhecido por antigos visitantes europeus como uma das maravilhas do mundo medieval.<sup>16</sup> Apesar de, lamentavelmente, o pagode ter sido destruído, azulejos descartados, como os da figura 3, foram recuperados em explorações arqueológicas nos fornos de Jingdezhen que produziram os tijolos para o edifício.<sup>17</sup>



Figura 3 – Dois tijolos de porcelana branca. (Produzido em Jingdezhen, 1412-31)

Fonte:  
[https://www.britishmuseum.org/collection/object/A\\_Franks-32](https://www.britishmuseum.org/collection/object/A_Franks-32)

Figura 4 – Ilustração da edição de 1665 de Johan Nieuwhof intitulada “Het Gezantschap der Neêrlandsche Oost-Indische Compagnie.”

Fonte:  
<https://library.maastrichtuniversity.nl/collections/special-collections/exhibitions/china-exhibition/>

## ***ANHUA, SELOS E ABSOLUTISMO***

Para além da utilização das porcelanas de Yongle, também a sua produção se alinhava com o seu uso manipulador da religião para avançar nos seus objetivos políticos, e para fortificar o seu controlo absolutista no seu império, como veremos em seguida.

Em porcelanas, como na que consta na figura 5 e 2 (haste 1), contêm, ainda que de visibilidade limitada, uma técnica conhecida como *anhua*, traduzida como “segredo” ou “escondida”. Esta permite, ao se refletir luz na peça que se tornem visíveis pequenos desenhos. Esta técnica era apenas conseguida pelos artesãos mais talentosos, empregados em Jingdezhen.<sup>18</sup>

<sup>15</sup> (The British Museum Collection s.d.)

<sup>16</sup> Ibid.

<sup>17</sup> (Watt e Leidy 2005, 14)

<sup>18</sup> (The British Museum Collection s.d.)



Figura 5 – Taça tianbai com impressões anhua de decorações florais. No lado direito é possível observar em detalhe as incisões anhua. (1403-1424, produzido em Jingdezhen) Fonte: <https://theme.npm.edu.tw/exh106/yongleporcelain/en/index.html>

Foi também com o imperador Yongle que se introduziu uma marca de nome de reinado, conhecido como *nianhao*, um selo de 4 caracteres na porcelana, sendo a do seu reinado: 永樂年製 (*Yongle nian zhi* ‘feito no reinado Yongle’), que seriam incisos ou impressos no fundo dos recipientes.<sup>19</sup> Estes selos eram feitos em caligrafia em estilo dos manuscritos arcaicos, invocando uma continuidade histórica com o passado remoto. Criava assim uma ideia de continuidade com o passado e estabelece também desta forma a sua legitimidade ao trono.<sup>20</sup>

Valestein (1975) remarca, no entanto, que ainda que tenha sido no período de Yongle que se começou a colocar em prática esta selagem, em geral, poucas porcelanas do seu reinado contêm este selo de *nianhao*. Isto significa duas coisas, primeiro, que muito poucas peças com o símbolo Yongle são autênticas. E segundo, tendo se iniciado esta prática com Yongle, estas marcas imperiais refletem o seu desejo pelo controlo total e cunhagem do seu nome imperial, o que significa a supervisão rigorosa da produção das mesmas no reinado de Yongle.<sup>21</sup>

Este fenómeno, onde peças oficiais eram produzidas tendo em conta modelos padrão em conformidade com especificidades da corte,<sup>22</sup> significa que os trabalhos que não aderiam à qualidade rigorosa exigida, eram descartados, muitas vezes quebrados e enterrados. E as restantes porcelanas de qualidade superior tornar-se-iam objetos para rituais de estado, uso imperial, e oferendas para missões tributárias.<sup>23</sup> Por exemplo, em recentes escavações arqueológicas em fornos imperiais de Jingdezhen tem-se encontrado

<sup>19</sup> (Harrison-Hall 2018, 157)

<sup>20</sup> (The British Museum Collection s.d.)

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> (National Palace Museum 2017)

<sup>23</sup> Ibid.

uma vasta quantidade de porcelanas de esmalte vermelho, já que 80% destas não alcançavam os padrões de qualidade exigidos, sendo isso o que torna figuras como a haste 3 (figura 2) tão rara.<sup>24</sup>

Para certificarem que estes requerimentos fossem cumpridos, existia um local de eleição para a produção, Jingdezhen, conhecido já antes do período de Yongle pela sua produção excelente de porcelanas.<sup>25</sup> De facto, todas as porcelanas apresentadas neste ensaio são exemplares neste aspeto, como encomendadas por Yongle para serem produzidas em Jingdezhen.

Argumento que todas estas medidas e fixação pela produção com *anhua*, selo, e a fiscalização, buscavam semear, de forma mais profunda, o controlo no seu reinado, ou que no mínimo, refletem esse desejo absolutista no governo de Yongle. Estes sendo exemplos mais ínfimos, quando equiparados a outras medidas por ele tomadas, como o fomentar dos serviços secretos. E assim conseguiu gradualmente consolidar o seu governo centralizado e autoritário.<sup>26</sup>

## **YONGLE E A CERÂMICA AZUL-E-BRANCA**

A partir da seguinte figura 6 é nos possível constatar que para além de uma clara semelhança entre as duas peças, que a produzida na China, entre 1403-1424 foi elaborada em referência ao estande de 1300-1350, no Egito. A versão chinesa imita as inscrições árabes de forma quase ilegível. Estas eram escritas por um decorador de porcelana incapaz de ler a inscrição original, e que a copiava por comissão de um imperador para qual a legibilidade era secundária à estética. Isto não vem como surpresa nenhuma aos historiadores, que reconhecem que no período de Yongle muitos temas para porcelanas se basearam em formas e decorações do Médio Oriente.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> (The V&A's collections 2005)

<sup>25</sup> (National Palace Museum 2017)

<sup>26</sup> (Tsai 2015, 95)

<sup>27</sup> (Medley 1980, 169-171, The British Museum Collection s.d.)



Figure 6 - Suporte de Porcelana azul-e-branco. (produzido em Jingdezhen, China, 1403–1424); Suporte de Metal, (produzido em Mamluk, Egito, 1300–1350).

Fonte:  
[https://www.britishmuseum.org/collection/object/A\\_1966-1215-1](https://www.britishmuseum.org/collection/object/A_1966-1215-1)

## PERÍODO YUAN

Antes de mais, devemos abordar o contexto em que as porcelanas, tal como outros produtos, produzidos no reinado Yongle são uma continuação da tradição, em particular da dinastia Mongol Yuan (1271–1368), que governou este enorme império que abrangia o atual Irão, Afeganistão, Ásia Central, Tibete e China. Foi neste contexto histórico-geográfico que a arte floresceu e artesãos de toda a esfera mongol foram trazidos até às oficinas imperiais.<sup>28</sup>

Aqui, três elementos devem ser considerados. Primeiro, permitiu uma grande influência do mundo artístico islâmico na porcelana, particularmente com o surgimento das porcelanas azul-e-brancas nesta dinastia. Segundo, permitiu que a produção de cerâmicas se começasse a concentrar na zona de Jingdezhen, que gradualmente se tornou o centro para a produção das porcelanas.<sup>29</sup> Por último, observava-se um comércio extensivo durante o período yuan, que ressurgiu com Yongle, que manteve extensivos contactos diplomáticos e económicos com outros domínios, como os mamelucos (1250-1517) baseados no Egito e Síria, os timúridas (1389-1501) no Afeganistão e Irão.<sup>30</sup>

Certamente, Yongle representou o ponto alto da continuação destas relações, particularmente com as expedições marítimas de Zheng He (1371–1433), patrocinadas por este soberano, que tinha como fim realizar trocas e missões exploratórias fora da China, alcançando o Sueste asiático, o Médio Oriente e África.<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> (Watt e Leidy 2005, 27)

<sup>29</sup> (Watt e Leidy 2005, 27, Medley 1980, 171)

<sup>30</sup> (Watt e Leidy 2005, 31)

<sup>31</sup> (The British Museum Collection s.d.)



Figura 7 - Largo prato em porcelana azul-e-branca. (produzido em Jingdezhen, China, 1403–1424) Fonte: <https://collections.vam.ac.uk/item/O33524/dish-unknown/>

A partir de peças *underglaze* de azul-cobalto, prediletas tanto entre consumidores domésticos como estrangeiros,<sup>32</sup> poderemos melhor demonstrar as porcelanas de Yongle como uma ponte de comunicação entre o mundo árabe e a China.<sup>33</sup>

Remetendo mais uma vez para a figura 5, a caligrafia árabe ornamentada, e o local onde esta foi encontrada, leva-nos a concluir que estas eram produzidas com fim a serem comercializadas fora da China.<sup>34</sup>

Também o prato (figura 7), encontrado no Irão, de acordo com as marcas que se encontram na base do prato, denotam que se encontra no templo de Shaykh Safi al-Din em Ardabil desde 1611.<sup>35</sup> É mais um exemplo dos inúmeros recipientes que sobreviveram até hoje que podemos encontrar por todas estas regiões. Historiadores afirmam que grandes pratos como estes eram oferecidos como prendas diplomáticas ou para comércio estrangeiro, assim continuando a tradição mongol de comércio e estabelecendo relações tributárias.<sup>36</sup> Atestando à sua importância imutável como bens de comércio, isto pode ser sentido particularmente no período de Yongle.<sup>37</sup>

No entanto, há um elemento histórico mais amplo a ter em consideração. Feitas em imitação de arte islâmica, em adição às viagens de Zheng He e a relação tributária realizada pelo mesmo, revelam-se as exigências e ambições do imperador Yongle quando se tratava de envolver o mundo exterior.<sup>38</sup> Ao criar relações estrangeiras, esta aspiração, mais uma vez, reflete a sua procura por assegurar o reconhecimento do seu poder e

<sup>32</sup> (The British Museum Collection s.d.)

<sup>33</sup> (Zhao 2016, 734)

<sup>34</sup> (The British Museum Collection s.d.)

<sup>35</sup> (The V&A's collections 2005)

<sup>36</sup> (The British Museum Collection s.d.)

<sup>37</sup> (Watt e Leidy 2005, 25-35)

<sup>38</sup> (National Palace Museum 2017)

prestígio do seu império e proclamando a sua legitimidade. Por essa razão, os anos de 1402 e 1424 são considerados como o ponto alto da diplomacia de Yongle, que veio a decrescer depois da morte do mesmo.<sup>39</sup>

Acompanhando este comércio, as cerâmicas mantiveram e desenvolveram assim as altas habilidades dos artesãos introduzidas pelos Yuan. Isto deve-se à capacidade da indústria da cerâmica chinesa para de forma contínua, absorver as tecnologias externas e elementos culturais no processo de desenvolvimento das suas porcelanas, especialmente para a exportação destas para venda, que era fabricada com características de terras estrangeiras para satisfazer as demandas particulares da cultura estrangeira.<sup>40</sup>

### ***A CORTE E GOSTO PELO EXÓTICO***

Ao observarmos esta extraordinária peça (figura 8), podemos de imediato entender a semelhança do seu formato à da figura 1, o que podemos denominar de *Jue*, um tipo de recipiente chinês antigo usado para servir vinho durante cerimónias de culto aos antepassados.<sup>41</sup> Este formato com decoração azul-e-branca significa que esta produção de acordo com temas exóticos não era pensada somente para o comércio e relações tributárias com o exterior, mas sim para uso doméstico.<sup>42</sup>



*Figure 8 - Taça Jue e suporte de Jue azul-e-branco. (Jingdezhen, produzido em 1403-1424)*

*Fonte: <https://theme.npm.edu.tw/exh106/yongleporcelain/en/index.html>*

---

<sup>39</sup> (Tsai 2015, 190)

<sup>40</sup> (Zhao 2016, 734-735, Watt e Leidy 2005)

<sup>41</sup> (Fleming e Honour 1979, 436)

<sup>42</sup> (National Palace Museum 2017)

De facto, na corte o gosto pelo exótico manifestou-se em formas e temas decorativos inspirados neste mundo. No caso deste *jue*, a sua densa decoração, foi inspirada por trabalhos de metal do médio oriente. Ou seja, as próprias produções para uso da corte demonstram influência islâmica. Ou seja, juntamente com influências externas das artes decorativas e religiosas na China durante o reinado Yongle, havia também um movimento inexorável que remetia para a tradição antiga de usos tradicionais, representações bidimensionais e um único tema de decoração.<sup>43</sup>

No entanto, para além de abraçar gostos estrangeiros, observa-se uma completa mudança de paradigma. Ao longo da história chinesa, decoração de pinturas com padrões em cerâmica, era considerada como vulgar pela corte e escolares, preferindo temas com estéticas simples e monocromáticas.<sup>44</sup> Vainker (1991) clarifica, tal como foi observado aqui, que inicialmente estas decorações mais complexas em azul-e-branco foram inicialmente feitas para fins de comércio e exportação, mas tornaram-se aceites e apreciadas na corte.

As formas e decoração de porcelanas produzidas para a corte Ming demonstram também claros vestígios de uma interação entre diferentes culturas do período. Não surpreendentemente, pode se considerar este período como o auge do intercâmbio de porcelana na China. Assim, a razão para a porcelana azul-e-branca da dinastia Ming ter sido extensivamente popular deve ser atribuída a múltiplos aspetos, todos eles inerentes neste interesse pelo exótico.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> (Watt e Leidy 2005, 21, The British Museum Collection s.d.)

<sup>44</sup> (Medley 1980, 180-182)

<sup>45</sup> (Zhao 2016, 734-735)

## CONCLUSÃO

Tal como Watt e Leidy (2005) expressam na sua obra, a vida de Yongle pode ser considerada como um grande drama, centrado na sua pessoa e representado sobre o vasto palco que era o império Ming e até mesmo o mundo. E como um verdadeiro ator neste palco, Yongle patrocinou arte.

Primeiro, a partir das formas de porcelana *Sweet white*, uma inovação do reinado Yongle, notáveis pelo seu carácter *tianbai*, injetando uma nova vitalidade à tradição de porcelanas de esmalte branco na China. Estas eram produzidas e usadas no seio da corte de Yongle, estando estas mais intimamente ligadas a Yongle na sua vida pessoal e a sua enorme inclinação para controlar todos os eventos ao seu redor.

Também as suas porcelanas azul-e-brancas, em contexto com a sua interação com o exterior, no âmbito das trocas entre a corte Ming e o Tibete, a Ásia Central e Ocidental, manifestam as trocas multiculturais que tomaram lugar neste período, resultando numa maior esfera de reconhecimento do seu poder.

Assim, os trabalhos de arte produzidos no seu período, com todo o seu elevado valor artístico, representam numa escala menor o legado do extraordinário reinado de uma das personalidades mais poderosas e complexas que a história já conheceu. Torna-se fácil compreendê-lo como o monarca incansável e inquieto que estabeleceu a agenda e as suas características básicas. E conseguiu adicionar produção de porcelana ilustre o seu legado, delineando os padrões da autoridade imperial da China e a natureza em evolução do absolutismo Ming, a partir deste imperador, conectando firmemente estas obras-primas à história e circunstâncias do seu reinado.

## BIBLIOGRAFIA

- Fleming, John, e Hugh Honour. *The Penguin Dictionary of Decorative Arts*. Londres : Viking, 1979.
- Harrison-Hall, Jessica. *China: A History in objects*. London: Thames & Hudson, 2018.
- Medley, Margaret. *The Chinese Potter: A Practical History of Chinese Ceramics*. Segunda edição. Oxford: Phaidon, 1980.
- Mote, Frederick W. "The "Second Founding" of the Ming Dynasty." Em *Imperial China: 900–1800*, de Frederick W. Mote, 598-617. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- National Palace Museum. *Pleasingly Pure and Lustrous | Porcelain from Yongle Reign* . 18 de Maio de 2017.  
<https://theme.npm.edu.tw/exh106/Yongleporcelain/en/index.html#main> (acedido em 15 de Novembro de 2021).
- The British Museum Collection. *Asia Collection*. s.d.  
[https://www.britishmuseum.org/collection/search?place=Asia&material=porcelain&dateFrom=1403&eraFrom=ad&dateTo=1424&eraTo=ad&view=grid&sort=object\\_name\\_\\_asc&page=1](https://www.britishmuseum.org/collection/search?place=Asia&material=porcelain&dateFrom=1403&eraFrom=ad&dateTo=1424&eraTo=ad&view=grid&sort=object_name__asc&page=1) (acedido em 22 de Novembro de 2021).
- The V&A's collections. *East Asia Collection*. 15 de Setembro de 2005.  
[https://collections.vam.ac.uk/search/?q=asia&images\\_exist=true&page=1&page\\_size=15&id\\_collection=THES48596&id\\_category=THES48982&id\\_category=THES48907&year\\_made\\_from=1403&year\\_made\\_to=1424](https://collections.vam.ac.uk/search/?q=asia&images_exist=true&page=1&page_size=15&id_collection=THES48596&id_category=THES48982&id_category=THES48907&year_made_from=1403&year_made_to=1424) (acedido em 21 de Novembro de 2021).
- Tsai, Shih-shan Henry. *Perpetual Happiness The Ming Emperor Yongle*. Seattle: University of Washington Press, 2015.
- Valenstein, Suzanne G. *A Handbook of Chinese Ceramics | Revised and Enlarged Edition*. Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 1975.
- Watt, James C. Y., e Denise Patry Leidy. *Defining Yongle: Imperial Art in Early Fifteenth-century China*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2005.
- Zhao, Lantao. "The Characteristics of Islam—Based on the Blue-andwhite Porcelain during the Period of Yongle and Xuande in the Ming Dynasty." *Advances in Social Science, Education and Humanities Research* 40 (2016): 734-736.